



Uma breve história do Fotojornalismo no Piauí - aspectos e tendências¹

Elaine de Moura LIMA²

Mariana Guedes CONDE³

Orlando Maurício de Carvalho BERTI⁴

Universidade Estadual do Piauí, UESPI, PI

RESUMO

O presente estudo documenta brevemente a história do fotojornalismo no Piauí a partir de pesquisa bibliográfica e entrevistas com foto repórteres com experiência de atuação nos principais jornais piauienses. Pretende-se destacar o atraso da implementação, valorização e reconhecimento do fotojornalismo no Estado, além da sua fundamental importância no processo de criação da notícia factual ou documental. Percorrer-se-á um caminho que aponte a situação atual do profissional de fotojornalismo no Piauí e os anseios da classe.

PALAVRAS-CHAVE: Fotojornalismo, Piauí, História

1. Introdução

O propósito deste trabalho é fazer um apanhado geral sobre a história e importância do fotojornalismo, enfocando o seu início e desenvolvimento no Piauí. Pretende-se, ainda, destacar o processo das rotinas produtivas nas redações, perpassando por questões relativas ao reconhecimento da profissão e de seu produto como um recurso importante para o jornalismo piauiense.

Como metodologia utilizou-se a pesquisa bibliográfica e a realização de entrevistas a fim de buscar depoimentos capazes de revelar pontos importantes e inéditos da história do fotojornalismo no Piauí. Foram pesquisados e analisados exemplares de jornais do acervo do Arquivo Público do Piauí, onde se pôde constatar as afirmações feitas durante as entrevistas e vislumbrar o surgimento de novas elucidações.

O presente estudo torna-se relevante por consistir um dos poucos relatos disponíveis acerca do fotojornalismo piauiense.

¹ Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 10 a 12 de junho de 2010.

² Estudante de graduação do 6º período do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo e Relações Públicas da Universidade Estadual do Piauí, UESPI. E-mail: elainedemouralima@gmail.com

³ Estudante de graduação do 6º período do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo e Relações Públicas da Universidade Estadual do Piauí, UESPI. E-mail: mariana_guedes@hotmail.com

⁴ Orientador do trabalho. Professor do curso de Comunicação Social da Universidade Estadual do Piauí, UESPI. E-mail: orlandoberti@yahoo.com.br



Primeiramente far-se-á uma abordagem geral do fotojornalismo, rememorando conceitos e importância da atividade dentro da prática jornalística.

Em um segundo momento serão feitas explicações sobre a história do fotojornalismo em termos de mundo e Brasil, a fim de que seja possível fazer uma introdução e comparações no capítulo que segue.

E por fim, no terceiro capítulo, serão abordados fatos relativos ao desenvolvimento do fotojornalismo especificamente no Piauí, destacando as primeiras publicações fotográficas, a transição da fotografia em preto e branco para a colorida, do analógico para o digital e questões relativas à prática fotojornalística e a creditação de imagens.

Os casos serão exemplificados com fac-símiles dos jornais pesquisados e trechos das entrevistas realizadas com os profissionais que atuam ou já atuaram no cenário fotojornalístico piauiense.

2. O Fotojornalismo: história e conceito

A fotografia jornalística não pode oferecer informação sem o auxílio de um texto que oriente na construção do sentido da mensagem a ser transmitida, atuando como um recurso capaz de credibilizar e comprovar o fato noticiado. O Fotojornalismo consiste, portanto, no registro de uma narrativa escrita aliada a imagens.

Jorge Pedro Souza (1998) afirma que em 1842 ocorreram as primeiras manifestações do que viria a ser fotojornalismo, quando entusiastas da fotografia apontaram a câmera para um acontecimento, tendo em vista fazer chegar essa imagem a um público, com intenção testemunhal. Os processos de reprodução necessários ao desenvolvimento do que conhecemos hoje como fotojornalismo se desenvolveriam a partir do final do século XIX.

A fotografia chega aos jornais em 1904 com a publicação de uma foto no diário inglês, *Daily Mirror*. Antes vista como arte, ela passa a ser usada agora como fonte de informação. Desse modo,

[...] a fotografia jornalística ganhou força, ultrapassando o carácter meramente ilustrativo e decorativo a que era votada. O fotojornalismo de autor tornou-se referência obrigatória. Pela primeira vez, privilegiou-se a imagem em detrimento do texto, que surgia como um complemento, por vezes reduzido a pequenas legendas. (SOUSA, 2004, p.20).



O aumento da demanda por imagens promoveu o estabelecimento da profissão do fotógrafo de imprensa. A narrativa através de imagem passa a ser ainda mais valorizada quando surge o editor de fotografias. O editor, figura que surgiu nos anos 1930, originou-se do processo de especialização de funções na imprensa e passou a ser o encarregado de dar sentido às notícias, articulando adequadamente as palavras e as imagens, através do título, da legenda e de breves textos que acompanhavam as fotografias. (Costa, 1993)

O trabalho do fotojornalista consiste em produzir, através de imagens, notícias que sejam relevantes para a sociedade, transmitindo, da maneira mais real possível, o que está acontecendo no mundo.

Atualmente não há fato que dispense a cobertura fotojornalística. Hoje as imagens dividem importância com os textos em revistas e jornais. Há até quem diga que imagem e texto se complementam no jornalismo: a primeira, mais emocional e sintética, atinge primeiramente e diretamente o leitor; o segundo, mais racional e analítico, leva mais tempo para ser assimilado. (ZUANETTI; REAL; MARTINS, 2002, p.18-19)

Outra característica marcante do fotojornalismo é a busca por informações visuais que possibilitem a compreensão clara e eficiente de uma situação ou de acontecimentos que envolvam assuntos da atualidade. No entanto, para se fazer fotojornalismo antes de tudo é necessário conhecimento profissional, que possibilite ao foto repórter atuar como mediador cultural no processo comunicativo.

“A fotografia jornalística é atividade especializada, cujo desempenho envolve conhecimento muito além do manuseio do processo. Trata-se de selecionar e enquadrar elementos semânticos de realidade de modo que, congelados na película fotográfica, transmitam informação jornalística.” (LAGE apud TAVARES; VAZ, 2005, p.131).

A fotografia mostra, revela e serve como um testemunho da verdade. Dessa maneira, pode-se afirmar que imagem por si só fala, transmite sentidos e informações adicionais em conjunto com o texto, fixando precisamente e para sempre o instante transitório.

3. O Fotojornalismo no Mundo e no Brasil

O homem pré- histórico viu na pintura a primeira forma de registrar a realidade, uma forma de retratar o cotidiano. Posteriormente, através de um processo de acúmulo de vários conhecimentos e descobertas científicas, desenvolveu-se a fotografia.



Embora o surgimento da fotografia seja datado da primeira metade do século XIX, foi no século XX que ela se instaurou, de fato, nos jornais diários. As dificuldades tecnológicas explicam porque as primeiras imagens utilizadas como elementos jornalísticos foram as pinturas:

O fotojornalismo necessita de processos de reprodução que só se desenvolvem a partir do final do século XIX — até meados do século passado, desenhadores, gravuristas e gravuras de madeira eram intermediários entre fotógrafos e fotografias e os leitores. De facto, a publicação directa de fotografias só se tornaria possível com as zincogravuras, que surgiriam ao virar do século. Até essa altura, a tecnologia usada envolvia papel, lápis, caneta, pincel e tinta para desenhar” (SOUZA, 1998, p. 09)

Além disso, a cultura jornalística dominante da época ignorou a utilização da fotografia como parte do elemento noticioso, não só porque acreditava que a imagem desvalorizava a seriedade da informação fotográfica, mas também porque as fotografias não se enquadrariam nas convenções estéticas estabelecidas na época.

Com a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) os fotógrafos deixam os estúdios fotográficos e passam a se inserir nos campos de batalhas. Nasce uma nova profissão: a do foto-repórter, responsável pelo registro e mediação dos fatos que ocorriam na guerra e que posteriormente seriam levados até a audiência.

Em meados da década de cinquenta do século XIX, a fotografia já havia beneficiado dos avanços técnicos, químicos e ópticos que lhe permitiram abandonar os estúdios e avançar para a documentação imagética do mundo com o "realismo" que a pintura não conseguia. A foto beneficiava também das noções de "prova", "testemunho" e "verdade", que à época lhe estavam profundamente associadas e que a credibilizavam como 'espelho do real'. (SOUZA 1998, p.10)

O nascimento do Fotojornalismo Moderno, que ocorreu na Alemanha após a Primeira Guerra Mundial, entre os anos 1920 e 1930, proporcionou a industrialização massiva da máquina de fotografar e o aparecimento de diversas revistas ilustradas. Isso teria levado ao aperfeiçoamento das técnicas e ao surgimento de novas máquinas. Foi nessa época que pela primeira vez o valor noticioso e a carga informacional da fotografia se sobrepuseram à nitidez e a reprodutibilidade.

Hoje as imagens dividem importância com os textos em revistas e jornais. Há até quem diga que imagem e texto se complementam no jornalismo: a primeira, mais emocional e sintética, atinge primeiramente e diretamente o leitor; o segundo, mais racional e analítico, leva mais tempo para ser assimilado. (ZUANETTI; REAL; MARTINS, 2002, p.18-19)

Após os anos 1990, a atividade passa a ser pautada na produção rotineira e imediata dos assuntos. A internet possibilita uma nova linguagem na transmissão



digital em tempo real das fotografias noticiosas, aumentando a pressão sobre os fotojornalistas e impondo um ritmo frenético nas rotinas profissionais.

De acordo com Bauret (2000) a fotografia jornalística constitui informação visual e contribui para o conhecimento e, também, para a compreensão dos acontecimentos, o que justifica a sua grande utilização nos meios de comunicação.

No Brasil a primeira forma de se registrar a imagem chegou por meio das técnicas dos daguerreótipos, processo criado pelo francês Louis M. Daguerre e apresentado ao mundo em 1839. Louis Compte, capelão de um navio-escola francês trouxe a novidade em 1840 de Paris para o Rio de Janeiro e a apresentou ao imperador D. Pedro II como a primeira máquina de tirar fotografias. O imperador se tornou oficialmente o primeiro fotógrafo brasileiro, contribuindo assim para divulgação da fotografia pelo país.

O governante criou o cargo de "Fotógrafo da Casa Imperial" e registrou várias viagens pelo Brasil. Fotografou Recife em 1859, juntamente com o alemão Augusto Stahl, que registrou a aventura como: "Desembarque de Suas Majestades em Recife", sendo considerada pelos historiadores como a primeira reportagem fotográfica de nossa história.

Os fotógrafos surgiram na imprensa brasileira na década de 1920, de acordo com Lima (1989, p. 26), "através dos contínuos ou amigos dos donos de jornais", sendo que os amigos dos donos tinham "maior tempo livre" e "uma câmera na mão". No entanto, somente na década de 1940, tempos de guerra, a atividade passou a ser reconhecida.

Semelhante ao que acontecia no mundo, as primeiras imagens publicadas na mídia impressa brasileira também tinham a guerra – do Paraguai (1864-70) e de Canudos (1896-97) – como principal tema. A guerra do Paraguai foi o primeiro conflito armado captado por fotógrafos nacionais, entre eles Luiz Terragno e Frederico Trebi.

No Brasil, assim como no mundo, com as revistas ilustradas alemãs, as revistas foram pioneiras no uso da fotografia. Em 1900 é criada a Revista da Semana, primeiro periódico ilustrado com fotografias. Posteriormente, surgiram revistas como Kosmos, Fon-Fon!, Ilustração Brasileira, Careta, Paratodos.

Em 1928 é fundada a revista "O Cruzeiro", um marco na história das publicações ilustradas.⁵ "A revista adquiriu um papel inovador na época, pois trazia uma espontaneidade brasileira, noticiando um Brasil até o momento pouco conhecido, que

⁵ Esta publicação investiu muito no visual, destacando-se com a introdução do fotojornalismo nos anos de 1944 a 1960.



emergia através das grandes reportagens”, de acordo com Segala (2000, p.50). Assim, a fotografia passa a ser valorizada como uma comprovação da realidade brasileira. A população que antes só ouvia o Brasil através do rádio passa a ver e acreditar no Brasil através de imagens.

O jornal carioca “A Última Hora”, de 1951, é considerado o pioneiro na utilização do fotojornalismo. Ele promoveu uma revolução no jornalismo impresso brasileiro pois as fotografias deixaram de ser utilizadas para ilustrar uma história e passaram a transformar as imagens produzidas pela câmera no próprio fio condutor da narrativa.

A fotografia para o jornal, no entanto, passou por momentos conturbados ao longo do processo de implantação no Brasil. Dificuldades técnicas de impressão e os anos difíceis da ditadura militar, com a censura política, fizeram com que os foto repórteres fizessem uso das imagens como uma alternativa para retratar os momentos e situações adversas que não podiam ser abordados nos textos.

Ela adquiriu, assim, demasiada importância e passou a ser utilizada como complemento da informação, revolucionando a imprensa e tornando os meios impressos mais atrativos para o leitor, desempenhando até hoje um importante papel no processo de conscientização e informação da sociedade brasileira.

4. Fotojornalismo no Piauí

As informações sobre a história do jornalismo no Piauí são bastante escassas. De acordo com Filho (1997), o primeiro jornal do Estado foi “O Piauiense”. O primeiro exemplar saiu precisamente a 15 de agosto de 1832, considerada a data de surgimento da imprensa piauiense. Seguiram-se a ele “O Telégrafo”, de 1839 e o “O Espetro”, de 1849.

O Piauiense – Assim chamou-se o primeiro periódico publicado nesta província, em Oeiras, no ano de 1832. Era editado na tipografia Silveira & Cia, que alguns anos depois, em 1836 tornou-se a Tipografia Provincial e, mais tarde, a Tipografia Saquarema (1849). O Piauiense foi redigido pelo professor de latim Amaro Gomes dos Santos e parece que também pelo vigário Pe. Antônio Pereira Pinto do Lago. (Joel Oliveira, em tese apresentada ao 1º Congresso de Jornalistas, em 1934, citado por FILHO, 1997, p.25)

Apesar das dificuldades técnicas e da instrução dos leitores – havia apenas cinco escolas no Piauí – não fomos a última província do Brasil onde surgiu a imprensa:



fomos a décima quinta. No início, os jornais limitavam-se a publicação de atos oficiais. Somente depois do surgimento do “O Telégrafo” tornou-se um jornal noticioso, embora de cunho semi-oficial.

No início do século XX o Piauí possuía cerca de dez órgãos de imprensa, a grande maioria na capital. Do final do século XIX ao início do XX “mais de cem jornais circulavam” (MAGALHÃES 1999 p. 76), a maior parte com curtíssima duração.

Em 1909 surge a revista literária “Alvorada”, com xilogravuras de Baurélio Mangabeira. Até esse período nenhum jornal piauiense publicava ilustrações, pois as técnicas de impressão eram muito rudimentares e os equipamentos bastante caros. O primeiro a trazer uma ilustração foi “O Artista”, que em 1902 publicou uma xilogravura retratando a ressurreição de Jesus Cristo, feita por Benedito Saraiva da Cunha.

De acordo com pesquisas feitas no Arquivo Público do Piauí, um dos primeiros jornais de que se tem notícia da publicação de uma fotografia é o jornal “O Dia”, criado em 1923. A história do jornal teve um hiato de vinte e oito anos e sua reestréia deu-se no ano de 1951, sob a direção de Abdias Neves.

Na capa da edição de 16 de março de 1952 do jornal “O Dia” foi publicada a foto do político Eugênio Barros, então governador do Maranhão. O jornal era semanal e antes da publicação dessa foto contatava-se a presença ínfima de gravuras de propaganda. Nota-se que nesse período a maioria das fotos era oriunda de agências de notícias internacionais, e que era dado destaque a militares norte-americanos e principalmente políticos.



Eugênio Barros, governador do Maranhão. Primeira foto publicada na capa do jornal O Dia, na edição de 16 de março de 1952. Fonte: Arquivo Público do Piauí.



A utilização da cor na fotografia só foi possível em 1935, quando a companhia fotográfica norte-americana Kodak desenvolveu o processo Kodachrome, que reunia em uma única película de emulsão todas as camadas de material sensível às cores primárias.

No entanto, a introdução da fotografia colorida nos jornais brasileiros aconteceu somente na década de 1980. Ainda assim eram usadas exclusivamente nas páginas nobres e edições especiais, pois precisavam ser impressas em gráficas especializadas. No Piauí, elas só passaram a ser veiculadas diariamente na imprensa mais de uma década depois e mantiveram durante muito tempo o caráter de ilustração de capa ou de editorias especiais.

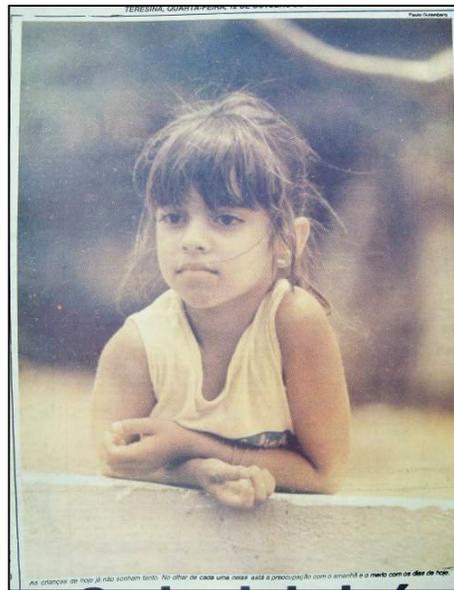
Ivan Lima (1989) afirma que “as vendas aumentam proporcionalmente ao aumento das páginas em cores. E não só das notícias, mas também da publicidade”. No Piauí, este também foi o principal interesse, apesar das dificuldades técnicas de revelação e o encarecimento da impressão. De acordo com o fotojornalista Francisco Gilásio⁶, “a novidade da fotografia colorida foi principalmente no aspecto visual”.

A primeira fotografia colorida registrada e publicada em um jornal piauiense foi feita pelo fotojornalista e primeiro editor de fotografia do Jornal da Manhã, Paulo Gutemberg. A foto em cores foi veiculada na capa do diário em 12 de outubro de 1988. O Jornal da Manhã foi, portanto, pioneiro e inovador não só na utilização de fotografias coloridas como também na criação de uma editoria de fotografia. Segundo Paulo Gutemberg⁷ o processo ocorreu da seguinte forma:

Eu fui contratado pelo Jornal da Manhã para organizar o jornal. Ele estava passando por uma reformulação. Eu fui contratado para organizar a área de fotografia. Eu fui o primeiro editor de fotografia daqui, em 1887, 1888. Eu fiz um projeto, uma análise das imagens que eram produzidas, que eram divulgadas no jornal. No jornal havia problemas na área policial, se fotografava bastante os delinquentes nus, com objetos do furto. O fotografo não tinha sala... a gente conseguiu mudar um pouco a cultura lá da área fotográfica. O fotojornalismo era muito desprezado. Eles até percebiam a importância da fotografia, mas não havia muito cuidado. Até com a questão de contratar um bom fotógrafo, um jornalista mesmo, de formação. O jornal fez assinatura de revistas especializadas, o foto repórter passou a usar colete. (Paulo Gutemberg)

⁶ Fotojornalista, Francisco Gilásio, trabalha no jornal Diário do Povo, há 17 anos.

⁷ Escritor, historiador e assessor de comunicação da Justiça Federal do Piauí, já trabalhou como fotojornalista nos Jornal da Manhã e Jornal Meio Norte.



Primeira fotografia colorida publicada na imprensa piauiense, registrada em 12 de outubro de 1988, no Jornal da Manhã. A foto está devidamente creditada a Paulo Gutemberg. Fonte: Arquivo Público do Piauí.

O fotógrafo, inicialmente considerado um “tirador de fotos”, teria de cumprir as ordens do editor chefe ou do diagramador, que determinavam como as fotos deveriam ser feitas. Havia pouca ou quase nenhuma valorização do profissional.

Havia, ainda, o descuido dos diagramadores em relação a creditação das fotos ou colocação de legendas explicativas. Na maior parte dos jornais as fotos não tinham créditos ou era creditada como divulgação.



Aqui se observa a ausência de crédito, em reportagem sobre despejo em uma favela de Teresina. Os fotógrafos, quando creditados, conseguiam isto a grandes custos. Jornal O Dia, 16 de dezembro de 1992. Fonte: Arquivo Público do Piauí.



Na década de 80, alguns fotógrafos atuaram nos jornais piauienses como “O Dia”, “Jornal da Manhã”, “O Estado do Piauí” e “Diário do Povo do Piauí.” Apesar das dificuldades profissionais, relativas às questões técnicas e salariais, eles contribuíram de forma significativa para o registro de imagens que ajudam a desvendar e a contar aspectos importantes da história piauiense. Antonio Costa, Aureliano Muller, Paulo Gutemberg, Wagner Santos, Elias Fontenelle, Francisco Gilásio, José Alves podem ser destacados como os mais atuantes. Wagner Santos⁸ relembra:

No final do ano 1980 era um festival de manifestações de greves e eu registrei tudo isso. Na época eu trabalhava no O Dia e eu fui preso três vezes. Era época da ditadura militar, tinha o Dops que era a polícia mais repressiva que tinha no Brasil e matava muita gente. Nós fotógrafos sofriamos as conseqüências por esta fazendo as coberturas dessas manifestações. Teve uma vez que eu cheguei no Dops e a cela não cabia mais ninguém e fiquei algemado no pátio da prisão. (Wagner Santos)

Os equipamentos eram comprados fora do Piauí, pois não havia empresas especializadas na venda de máquinas analógicas. Wagner Santos destaca que os equipamentos analógicos usados eram profissionais e o uso era todo manual. “As lentes não eram cambiáveis, eram tudo rosca. Em 1986, 1987 apareceram as analógicas com lentes cambiáveis. Com o passar do tempo a qualidade dos equipamentos foi melhorando”, relembra.

No final do século XX tem-se a chegada da fotografia digital aos meios de comunicação. Essa nova tecnologia foi desenvolvida na década de 1960, período da Guerra Fria e acompanhou o desenvolvimento dos primeiros computadores e softwares.

No entanto, somente a partir dos anos 1990 a fotografia digital chega ao grande público. No início os equipamentos eram muitos caros e os jornais teresinenses não possuíam recursos para adquiri-los. De acordo com Wagner Santos, “as câmeras digitais usadas pelos fotojornalistas eram câmeras pequenas, amadoras e portáteis; as profissionais eram um absurdo de caras. Enquanto uma amadora custava em média 3 mil reais, uma profissional era em torno 25 a 30 mil reais.”

⁸ Fotojornalista, Wagner Santos, atua há 22 anos e trabalha atualmente no jornal Diário do Povo.



Fotografia de Wagner Santos, obtida com câmera analógica e publicada no Jornal da Manhã do dia 26 de setembro de 1989. A foto não possui créditos e é atribuída ao Banco de Dados do Jornal. Fonte: Arquivo Público do Piauí.

De acordo com os fotógrafos entrevistados, durante a carreira esta foi, sem dúvida, a mudança mais significativa. A fotografia digital trouxe uma série de transformações nas rotinas produtivas dos jornais, causando um forte impacto nas empresas jornalísticas. A sofisticação dos recursos de edição proporcionou facilmente manipulá-las em praticamente todos os seus momentos e propriedades, desde saturação, brilho, contraste e nitidez, até a própria forma dos elementos que compõem a foto.

A fotografia como documento da realidade perdeu muito pela inexistência do filme na era digital, pois os negativos (ou positivos) são considerados provas de veracidade da imagem fotográfica. No entanto muitos fotojornalistas encontram pontos positivos no uso da máquina digital:

O equipamento digital não requer que se comprem equipamentos a toda hora. Com a analógica tinha que todo o tempo, toda semana estar comparado filme. A digital já vem com duas baterias e com três cartões, isso é até bom porque os jornais deixaram de gastar muito. Se uma analógica quebrasse, ela poderia ser facilmente consertada. Hoje se uma digital quebrar pode jogar fora. O tempo de vida útil dela é de quatro, cinco anos. (Wagner Santos)

Outro aspecto investigado e de fundamental importância são as conquistas da classe ao longo da história – questões relativas ao reconhecimento, ética jornalística e associações.

De acordo com Francisco Gilásio, o fotojornalista conquistou espaço ao longo do tempo, “mas ainda precisa mais”. Antigamente, o fotógrafo saía para campo e sentava no banco de trás do carro. De acordo com ele, isto dificultava o trabalho e muitas vezes o impossibilitava de clicar o momento exato em que as coisas aconteciam. Com o tempo foi-se percebendo que ele deveria ocupar a “linha de frente”, ser o primeiro a chegar. Questões como esta estão intimamente ligadas ao fato de ser relegado ao fotojornalista apenas a função de ilustrar, não de reportar. Durante muito tempo as



fotografias de jornal pouco ou nada traziam de informação, servindo apenas como suporte para o texto. Sobre os avanços na profissão, Gilásio relata:

Ele era discriminado, ele era simplesmente como se fosse pra fazer um retrato. Com a evolução do tempo, hoje, a fotorreportagem tem que ficar no banco da frente do carro porque eles descobriram que há necessidade, muitas vezes, de você ter agilidade, de você ter que fazer, e se ele está lá atrás escondido você perde [o lance]. A gente vê que hoje tem um respeito muito maior. E de perceber também que não é um retrato, como se fosse uma fotografia de documento, é uma reportagem fotográfica. Ele conta uma história, ele retrata uma história. Ele tem que, dentro de uma imagem, informar o que está acontecendo. Então, com isso, eles perceberam, todo o meio jornalístico percebeu, a importância do repórter fotográfico assim como do repórter cinematográfico. (Francisco Gilásio)

Outro aspecto que diz respeito à questão de reconhecimento da classe é a ausência, atualmente, de um editor fotográfico na redações dos jornais impressos em Teresina. Não há preocupação em montar editorias de fotografias nos jornais da capital, sendo esta função relegada aos repórteres, editores chefe, editores setoriais e diagramadores. É o que explica Francisco Gilásio:

Aqui [quem faz a edição fotográfica] é o diretor da página, é a menina do arquivo, é o secretário de redação, é o editor próprio do jornal, é quem botar primeiro. Faz tempo que a gente luta aqui pra ver se toma vergonha na cara e diz: rapaz quem sabe de imagem é repórter fotográfico, quem faz imagem é o repórter fotográfico. (Francisco Gilásio)

O Sindicato dos Jornalistas Piauiense regulamenta o exercício da profissão de fotojornalista no Piauí. Atualmente os fotojornalistas piauienses registrados no Sindicato dos Jornalistas do Piauí, que atuam nos jornais impressos da capital O Dia, Diário do Povo e Meio Norte são: Elias Fontenelle (O Dia), Wagner Santos (Diário do Povo), Francisco Gilásio (Diário do Povo), Assis Fernandes (O Dia) e José Alves (Meio Norte).

Outra tendência contatada é a preferência dos jornais em contratar estagiários. Assim, eles reduzem custos em relação a contratação de profissionais especializados na área. Isso enfatiza a desvalorização da categoria, por inferir que o trabalho do fotojornalista seja apenas técnico e não valorizando o ato e o olhar fotográfico.

Nunca houve a exigência de um diploma para o cumprimento dessa função. A maioria dos fotos repórteres piauienses é “de batente”, ou seja, não possui formação superior ou técnica. Isto se deve também ao fato de que nunca existiu no Piauí um curso superior ou técnico para a formação de fotojornalistas. Outro ponto que contribuiu para esta situação são as facilidades promovidas pela máquina digital: o acesso quase que



irrestrito e a automatização do processo fotográfico, o que permite o surgimento descontrolado de novos “fotojornalistas”.

5. Conclusão

Considerando a fotografia como um recorte da realidade, os meios impressos viram nela uma forma afirmar e comprovar o sentido do que era descrito textualmente. Essa necessidade fez surgir uma nova profissão, a do fotojornalista, acarretando transformações nas rotinas produtivas dos jornais. O fotojornalista passou a ser reconhecido como um profissional de fundamental importância na elaboração do fato noticioso não só no mundo, como também no Brasil. Em contraponto, no Piauí esse reconhecimento foi e ainda encontra-se em processo lento de se firmar.

Desde o advento da fotografia nos diários piauienses até o surgimento da profissão, o fotojornalista teve significantes conquistas. Antes visto apenas como um técnico, “fazedor” de retratos, eles passaram a ser vistos como compositores fundamentais de uma reportagem. No entanto, muitas conquistas ainda precisam ser adquiridas. O reconhecimento financeiro e profissional deve, portanto, evoluir ainda mais no Estado.

A história do fotojornalismo no Piauí se desenvolveu de forma lenta e com atrasos, em relação ao Brasil e ao Piauí. Assim como no Mundo e no Brasil, ela passou por mudanças marcantes na produção, como: da mudança do preto para o colorido, do analógico para o digital, que trouxeram melhorias tecnológicas para a profissão como também controvérsias, principalmente com relação ao digital.

Deficiências ainda persistem com a ausência de creditação, que pode gerar sérios problemas de direitos autorais e de legendas explicativas, relevantes para o entendimento das informações da reportagem por parte do leitor. A categoria deve unir-se na busca de novas conquistas e, tomarem consciência, eles próprios, do papel relevante e especializado que exercem para a sociedade.

Quanto aos veículos, percebe-se a falta de entendimento, em relação ao Brasil, da importância do profissional de fotojornalismo – o foto repórter atua com técnica e conhecimentos que o fazem, antes de tudo, um jornalista.

Este relato parcial não representa com finidade a história do fotojornalismo piauiense, o que significa que podemos recomeçar a escrevê-la, desta vez, inserindo o Piauí no contexto nacional tecnicamente e em termos de reconhecimento.



REFERÊNCIAS

ANDRADE, Joaquim Marçal Ferreira de, and Mary Del Priore. **História Da Fotorreportagem No Brasil: a Fotografia Na Imprensa Do Rio De Janeiro de 1839 a 1900.** Rio de Janeiro, Brasil: Elsevier, 2004.

BECK, Saskia. **Fotografia: evolução ou revolução?** Disponível em: <http://www.escolafocus.net/fotografia.evlucao.htm>. Acessado em 21 de março de 2010, às 21h10.

FREUND, Gisele. **Fotografia e sociedade.** Lisboa: Vega, 1989

GILÁSIO, Francisco. Entrevista realizada no dia 29 de abril de 2010, às 8h45

GUTEMBERG, Paulo. Entrevista realizada no dia 6 de maio, às 11h40

JORNAL O DIA. Número 59. 16 de março de 1952, Teresina, Piauí.

JORNAL O DIA. 16 de novembro de 1992, Teresina, Piauí.

JORNAL DA MANHÃ. Número 2478. 12 de outubro de 1988, Teresina, Piauí.

JORNAL DA MANHÃ. Número 2893. 23 de setembro de 1989, Teresina, Piauí.

KUBLUSLY, Claudio. **O que é Fotografia.** São Paulo: Brasiliense, 2002

LIMA, Ivan. **Fotjornalismo brasileiro: Realidade e Linguagem.** Rio de Janeiro: Fotografia Brasileira, 1989.

LOUZADA, Silvana. **Reformas dos jornais cariocas no século XX: A formação do repórter fotográfico e o papel do fotojornalismo.** Disponível em www.almanaquedacomunicacao.com.br/files/others/silvanalouzada.doc. Acessado em 3 de abril de 2010, às 14h45.

MAGALHÃES, Maria do Socorro Rios. **Literatura Piauiense: horizontes de leitura & critica literária (1900 – 1930)** Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998.



MAUAD, Ana Maria. **O olho da história: fotojornalismo e história contemporânea.** Disponível em <http://www.redealcar.jornalismo.ufsc.br/boletins/jornal40.htm> Acessado em 3 de abril de 2010, às 15h.

MOURA, Ranielle Leal. **José Medeiros e o fotojornalismo na Revista O Cruzeiro .** Disponível em http://www2.metodista.br/unesco/1_Regioecom%202009/arquivos/trabalhos Acessado em 22 de abril de 2010, às 13h43

SANTOS, Wagner. Entrevista realizada em 20 de abril de 2010, às 16h30.

SEGALA, Lygia. **Bumba meu- boi.** In: O Brasil de Marcel Gautherot: fotografias. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, 2000.

SONTAG, S. **Diante da dor dos outros.** Lisboa: Gótica.2003

SONTAG, S. **Sobre Fotografia.** São Paulo: Companhia de Letras ,2004

SOUSA, Jorge Pedro. **Uma História Crítica do Fotojornalismo Ocidental.** Criciúma: Griffos, 2000.

SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo – Introdução à História, às Técnicas e à Linguagem da Fotografia na Imprensa.** Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

TAVARES, Frederico de Mello Brandão; VAZ, Paulo Bernardo Ferreira. **Fotografia jornalística e mídia impressa: formas de apreensão.** Revista Famecos, Porto Alegre, n° 27, ago. 2005. Disponível em: <http://revcom2.portcom.intercom.org.br/index.php/famecos/article/viewFile/444/371> Acessado em 14 de março de 2010, às 13h43

ZUANETTI, Rose; REAL, Elizabeth; MARTINS, Nelson; et. al. **O olhar do fotógrafo: A fotografia como documento histórico.** In: _____. **Fotógrafo: O Olhar, A Técnica e o Trabalho.** Rio de Janeiro: Editora Senac Nacional, 2002, p.17-22.